

Vadição em Pedra Branca: os caminhos da Capoeira como expressão de resistência no município de Itapetinga/BA

Vagrancy in White Stone: Capoeira ways as expressions of resistance in Itapetinga/BA

*Tales Cardoso Pita**
*José Valdir Jesus de Santana***
*Reginaldo Santos Pereira****

Resumo: neste artigo, fruto de uma investigação acerca da Capoeira no município de Itapetinga/BA, tivemos como objetivo recuperar a história e a constituição dos coletivos que a praticam e das redes de relações que foram se constituindo, de forma a produzir diferentes movimentos de resistência e de reinvenção do cotidiano, como propõem Foucault (1986, 2003) e Certeau (1994). Mobilizamos a etnografia como método, cujos dados foram produzidos entre setembro de 2015 e maio de 2016. Identificamos diferentes coletivos, a exemplo do Grupo Voo da Liberdade e Raízes Quilombo que, através de uma pedagogia própria, atualizam formas de resistência e de afirmação dos valores civilizatórios africano-brasileiro.

Abstract: in this article, the result of an investigation about Capoeira in Itapetinga/BA, we aimed to recover the history and constitution of the collectives that practice it and the networks of relationships that were constituted in order to produce different movements of resistance and reinvention of daily life, as proposed by Foucault (1986, 2003) and Certeau (1994). We mobilized ethnography as a method, whose data were produced between September 2015 and May 2016. We identified different groups, such as the Voo da Liberdade and Raízes Quilombo Group which, through their own pedagogy, they update ways of resistance and affirmation of the African-Brazilian civilizing values.

Palavras-chave: Capoeira. Itapetinga. Resistência. **Keywords:** Capoeira. Itapetinga. Resistance.

Introdução

Este artigo é fruto de uma investigação acerca do Jogo da ¹Capoeira no município de Itapetinga, localizado na região do Sudoeste da Bahia, cujo objetivo foi recuperar a história e a constituição dos coletivos que a praticam e das redes de relações que foram se constituindo de forma a produzir diferentes

* Graduação em História pelo Centro de Estudo Superior de Maceió; especialização em Educação e Diversidade Étnico-Cultural pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-0229-0868>>. E-mail: talescpita@gmail.com

** Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), onde atua como professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade e no Programa de Pós-Graduação em Ensino. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0001-7215-2562>>. E-mail: santanavaldao@yahoo.com.br

*** Doutor em Educação pela UFSCar. Professor adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), onde atua como professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0001-6169-9773>>. E-mail: reginaldousesb@gmail.com

¹ Designa-se Capoeira, grafado com C maiúsculo, a arte, e capoeira, grafado com c minúsculo, o praticante.

movimentos de resistência.

Em Foucault, resistir implica criar possibilidades de existência e, portanto, é um verbo que se movimenta não contra e sim entre os intentos de poder, que se refere principalmente à capacidade de criação, invenção do novo, de diferentes formas de ser e viver. Desta forma, este teórico nos inspirano trato analítico que daremos a este trabalho. Ademais, segundo Foucault (1986), resistência e poder são conceitos inter-relacionados. O poder não é algo transcendente ou uma substância que se possa possuir ou delegar, mas algo imanente, que se manifesta como prática, exercício. A resistência, por sua vez, é inerente ao poder, ou seja, onde há exercício de poder há resistência. Dessa forma, para esse intelectual,

Há sempre, com certeza, alguma coisa no corpo social, nas classes, nos grupos, nos próprios indivíduos que escapa, de uma certa maneira, às relações de poder; alguma coisa que não é a matéria primeira, mais ou menos dócil ou recalcitrante, mas que é movimento centrífugo, a energia inversa, a escapada (FOUCAULT, 2003, p. 244).

Importante falar das dificuldades que envolvem a produção de conhecimento sobre este universo, uma vez que a Capoeira é repleta de saberes tão particulares quanto coletivos. Isto mesmo, a contradição é uma marca da sua produção, pois a Capoeira não é puramente um esporte, uma dança, uma luta, é uma forma de ser e viver, de existir e resistir. Muito diferente de todas as artes marciais, que trazem um arcabouço disciplinar, no qual o indivíduo vai sendo moldado ao passo que se aprofunda, princípio básico de qualquer método educacional, o oposto ocorre na capoeira. Segundo mestre Pastinha², na Capoeira não existem rotinas, ou seja, o coletivo segue princípios do jogo, da luta e do jogar, mas o indivíduo é livre para impregnar sua Capoeira de elementos seus, de ser a sua Capoeira e dela fundar sua escola.

A grande dificuldade presente no entendimento desse modo de viver, reside em pesquisar a capoeira não sendo capoeirista, como é o caso deste pesquisador que escreve. A grande maioria dos que escrevem sobre esta arte são praticantes e por isso estão repletos de vivências psicológicas e corporais que não tive acesso, como não praticante, no início desta empreitada. Portanto, foi preciso utilizar de certa “prática etnográfica”, de uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989), o que implica, conforme Malilnowski (2018), conviver com os “nativos”, condição necessária para compreender seus pontos de vista. A pesquisa desdobrou-se entre setembro de 2015 e maio de 2016, totalizando nove meses. De modo que tivéssemos acesso/relação a diferentes experiências, às perspectivas nativas e à história da capoeira, especialmente no município de Itapetinga, lançamos mão da pesquisa documental, da observação e de entrevistas semi-estruturadas (AMADO; FERREIRA, 2017).

O exercício de entender a fluidez dos poderes e saberes; do perceber o empoderamento dos praticantes (colaboradores dessa pesquisa) permitido pela apropriação da prática da Capoeira, possibilitou uma vivência particular cognitiva que resultou na construção da apropriação mútua. Eu dela e ela de mim. Na roda, em movimento constante e envolvente. Dentro da roda, não como um dos atores do jogo, mas imerso em um universo de sons, movimentos, ritmos, ritualidades que envolvem e contaminam todos que se aproximam e se deixam afetar por essa experiência.

² Vicente Joaquim Ferreira Pastinha nasceu em Salvador, em 5 de abril de 1889, e faleceu nesta mesma cidade em 13 de novembro de 1981. É considerado um dos principais mestres de Capoeira de nossa história.

Foram tantos os rompantes, choques e os embates metodológicos que confesso as angústias e o desespero em não conseguir fazer justiça ao assunto abordado, uma vez que a capoeiragem Itapetinguense possui uma produção de empoderamento de contornos tão interessantes quanto inusitados.

Durante a pesquisa documental foi levantado dados sobre o que havia de documentos (fotos, artigos, vídeos) sobre a capoeiragem na cidade. Em seguida, realizou-se um mapeamento para saber onde os grupos estavam sediados, quando e como encontrá-los. Num segundo momento, foram agendados momentos de imersão nos grupos (batizados, rodas nas ruas, eventos diversos e encontros em suas sedes) com o objetivo de observar particularidades em suas relações, intra e inter-grupais. A partir destas experiências, formulou-se uma sequência de questionamentos que nos guiaram no momento de realização das entrevistas. Foi preciso aprender a “ler” os movimentos da Capoeira e dos seus praticantes, posto que este jogo/arte tem histórias e saberes fundamentados no segredo, nem sempre revelados em palavras, assim como muitos dos valores civilizatórios africano-brasileiro.

Para o maior entendimento dos termos e saberes que serão acionados mais a frente se faz necessário fazermos uma revisão da construção histórico social da capoeira em diferentes espaços e contextos do território nacional. É necessário, também, para a compreensão da construção simbólica da resistência, praticada pelos adeptos dos grupos de capoeira presentes neste estudo, e de todas as particularidades envolvidas.

É dança, é luta, é jogo, é vida, é Capoeira

Os estudos sobre a Capoeira têm certa tradição nos meios acadêmicos e recobrem um período importante de nossa história, especialmente a partir da segunda metade do século passado, estendendo-se aos dias atuais e, nesse sentido, os trabalhos de Rego (1968), Frigerio (1989), Capoeira (1999, 2002), Decânio Filho (1996), Soares (2001), Abib (2004), Araújo (2004), Araújo (2008), Dias (2006), Esteves (2003), Falcão (2004), Fonseca (2009), Fonseca (2009), Magalhães Filho (2012) são representantes desta importante produção.

As origens da capoeira, ou co-puera, que significa roça que deixou de existir, estão intimamente ligadas aos verbos sobreviver, resistir, persistir, lutar, que se resumem em outro: mandingar. Todo movimento psicossocial que levou a construção desta mecânica psico-corporal vem prestigiar a capacidade de superação humana diante das adversidades. A própria palavra já indica seu nascimento no campo, entre grandes movimentos de plantação de cana de açúcar. As clareiras abertas na mata serviram de canal para a fuga dos negros em busca de liberdade e melhor condição de vida nos quilombos. Dizem alguns estudos que a capoeira é própria da cidade, onde aquela brincadeira quase inocente das fazendas teria evoluído para a arte marcial. "Sem dúvida, ela nasceu no meio rural com a luta pela liberdade, porém a malícia, mandinga capoeirística, é urbana", afirma o pesquisador baiano Valdeolir Rego (1968), autor de um clássico sobre o assunto, ensaio sócio-etnográfico à respeito do jogo de angola.

A mandinga (Bahia), ou malandragem (Rio de Janeiro), ou brabeza (Recife) é produto da sobrevivência nas cidades. Como exemplo disso posso citar o toque de berimbau chamado *aviso*, ainda do conhecimento do capoeira Canjiquinha (Washington Bruno da Silva). Segundo corre na transmissão oral dos antigos capoeiras, era comum ficar um tocador de berimbau, num

oiteiro, onde se divisava toda uma área enorme, com a finalidade de vigiar a presença do senhor de engenho, capataz ou capitão do mato, no encalço deles. Uma vez notada a aproximação desses inimigos, era dado um aviso, no berimbau, através de um toque especial (REGO, 1968, p. 35).

Segundo o historiador e mestre de Capoeira Carlos Eugênio Líbano Soares (2001) a arte em estudo é uma criação brasileira; a dúvida é quanto ao local em que ela teria tido início, se Salvador, Rio de Janeiro ou Recife.

Verifica-se através do registro de prisões de escravos do século XIX, os anos entre a chegada da família real, em 1808, e a abdicação do primeiro imperador, em 1831, foram marcados pelo "terror da capoeira" no Rio de Janeiro. A Bahia não ficava atrás. Salvador era um barril de pólvora, os negros fizeram mais de trinta revoluções nesse período. Em Recife, o brabo, como lá era chamado o praticante da capoeira, estava ligado principalmente às bandas de música e desfiles folclóricos (SOARES, 2001, p. 56).

Neste mesmo trabalho, Soares (2001) indica que antigos capoeiras figuram em fatos memoráveis. Capoeiras baianos lutaram pela nossa independência, na boa terra de todos os santos. No Rio de Janeiro, em junho de 1828, capoeiras prestaram grande ajuda para dominar os batalhões de mercenários alemães e irlandeses que, revoltados, colocaram a população em pânico. No entanto, diversos atos oficiais procuram acabar com as desordens das lutas de capoeira. Uma portaria de 16 de março de 1826, do intendente geral de polícia do Rio de Janeiro, mandou que fossem presos e imediatamente punidos com 100 açoites os escravos encontrados jogando a capoeira. Em 24 de janeiro de 1833 a Capoeira é proibida por lei, sob pena de 25 a 50 açoites qualquer um que fosse pego praticando. Ainda, a Capoeira germinou, cresceu, floresceu, resistiu e são inúmeros os relatos de jornais do século XIX que narram as aventuras dos capoeiras que carregam com muita força todos os elementos simbólicos envolvidos na capoeiragem.

Nos primeiros registros historiográficos, a institucionalização como luta brasileira e sua divisão entre regional e tradicional marcam a trajetória da Capoeira na primeira metade do século XX. Sobre esses aspectos Oliveira e Leal (2009), no livro "Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil", afirmam:

A Capoeira, assim como o carnaval, o samba e o futebol, faz parte do conjunto dos grandes ícones contemporâneos representativos da identidade cultural brasileira. Cada um deles possui uma história própria de ascensão, inclusão e/ou tensão em seu processo formativo como símbolo nacional. A Capoeira é oriunda da experiência sociocultural de africanos e seus descendentes no Brasil. Conta em sua trajetória histórica a força da resistência contra a escravidão e a síntese da expressão de diversas identidades étnicas de origem africana (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 43).

Como expressão cultural afro brasileira, assim como o samba, o futebol e o carnaval, a Capoeira, durante o referido século, sofre as pressões do processo de embranquecimento da sociedade brasileira e consequente absorção social como símbolo nacional, que vai modificá-la e reestruturá-la, resultando, deste processo, a sua divisão em duas modalidades: A capoeira tradicional, ou de Angola, representada por Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha, e sua modalidade desportiva, ou Regional, representada por Manuel dos Reis Machado, o mestre Bimba. Ainda, Nestor Capoeira afirma que:

[...] as transformações na prática da Capoeira não emergem apenas como disfarce mediante a repressão policial, mas também como luta no sentido mais amplo de resistência: uma estratégia social multifacetada, que articula a utilização de formas violentas de contestação, a solidariedade grupal e “um refinado modo irônico de lidar com as agruras da vida” (CAPOEIRA, 1999 *apud* ABIB, 2004, p. 95).

Para entremear no que Foucault (1987) chama de tecnologias políticas de punição, a Capoeira fez uso desta metamorfose que é, segundo Valdeir Rego, mais um indicativo da resiliência que lhe é peculiar. Essa fluidez adaptativa permitiu sua sobrevivência e adequação às mais diversas realidades sociais como, por exemplo, a vivenciada no município de Itapetinga-BA, conjuntura que apresentaremos adiante.

Esta pertença, promotora de empoderamento, pode ser bem registrada na postura de mestre Bimba que para provar a eficácia da capoeiragem, durante os anos 40 e 50 do século passado, desafiou todos os grandes lutadores brasileiros. “A Capoeira, a manha e a mandinga é da Bahia. Dizia Bimba antes de seus confrontos para divulgar o capoeiragem no Brasil e no mundo” (ABIB, 200, p. 104).

O nome Regionalteria sido dado em oposição ao Nacional, utilizado para a denominação da prática esportiva capoeirística no Rio de Janeiro naquele período, no intuito de se desvencilhar da carga pejorativa que o termo capoeira ainda carregava, e assim obter uma melhor aceitação.

As mudanças advindas da criação da Luta Regional Baiana na Bahia por Mestre Bimba geraram um novo movimento de capoeiristas naquela região, onde iriam denominar a Capoeira já praticada por eles como Capoeira Angola, em referência a origem geográfica dos movimentos que se tornariam a Capoeira, influenciados por pesquisadores da época que, por sua vez, pautaram seus estudos em autores que afirmavam um exclusivismo Banto na formação étnica brasileira (ABIB, 2004, p. 70).

Este movimento seria uma oposição às mudanças na Capoeira realizadas por Bimba, somadas às reivindicações socioculturais e identitárias de seus praticantes. Não se tratava de uma disputa, mas sim de afirmação de estilos presentes na mesma arte. Tradição versus esportização, o culto à ancestralidade africana vivenciado em jogo, contrastando com a luta de movimentos rápidos e fortes. O estilo Angola permaneceu no vínculo a sua negritude, um não a tentativa de criar corpos dóceis ao sistema. Desta maneira foi hierarquizada como a primeira, a Capoeira tradição e é venerada como mãe em toda roda no mundo.

É importante salientar, em todo este contexto, a força da Capoeira baiana, dado seu caráter lúdico, à agregação do berimbau e dos batuques, que impulsionaram a sua irradiação para fora da Bahia, conquistando novas fronteiras diferentes da Capoeira praticada em outros lugares.

O jogo-brinquedo da Capoeira ao som da charanga de instrumentos, tendo o exótico berimbau como motor principal, contrastava com a violenta Capoeira que era praticada em outros lugares do Brasil, sem o acompanhamento musical específico, prevalecendo o aspecto bélico da luta (ABIB, 2004, p. 78).

O berimbau é mais que um instrumento musical, é uma presença espiritual que rege e guarda a roda. A capoeiragem baiana diferenciava-se da carioca sobretudo em relação às questões político-ideológicas, visto que, na Bahia, a prática pouco se articulava aos embates políticos da monarquia e da república. De acordo com Rego (1968), na Bahia:

]Em tudo era notada a presença do capoeira, mui especialmente nas festas populares. [...] Os capoeiras com alguns companheiros e discípulos rumavam para o local da festa, com seus instrumentos musicais, inclusive armas para o momento oportuno e lá, com amigos outros que encontravam, faziam a roda e brincavam o tempo que queriam (REGO, 1968, p. 37).

Dessa forma fluida, a Capoeira acontecia não apenas nos momentos das festas populares, mas também em conexão com os ritos de rua, o mundo do trabalho, as cenas do cotidiano. Na roda, o João que socialmente era ninguém, tornava-se rei por horas e horas. Todos repletos de si. Sendo assim, havia capoeiragem onde havia uma quitanda ou uma venda de cachaça com um largo em frente.

Em cada freguesia um africano com uma responsabilidade de ensinar, para fazer dela sua arma contra seu perseguidor. [...] se comunicavam nos cantos improvisados, dançava e cantava enredos, inventava truques, piculas, para dar volta no corpo, escondendo chicote, inventando miséria, o corpo todo faz miserêr, cabeça, mão, pernas, e só consegue com manhas (REGO, 1968, p. 38).

Esta manha presente na Capoeira baiana destacada por Pastinha é a vadiagem. A vadiação é o termo utilizado pelos capoeiristas para designar a prática da capoeiragem na qual predomina a ludicidade, a brincadeira, a alegria de experimentar o corpo com liberdade de movimento em conexão com o ritmo, com o rito, com outros corpos ou, conforme mestre Reginaldo Véio, em uma manifestação festeira (CRUZ, 2006). Soares (2001) destaca que a festa, no universo das culturas negras, destinava-se à renovação das forças, pois a dança, o ritmo e o rito que a caracterizam territorializam o corpo do indivíduo, realimentando a força cósmica.

Na visão de Cruz (2006), os capoeiristas, por meio da festa, da luta e da dança, ampliam sua potência e alcançam maior poder de realização. A intensificação da vadiação na capoeiragem sinaliza a diferença na emergência da resistência. Essa transformação na forma de resistência remete a mudanças na forma de poder. Conforme Pedro Abib (2004), a Capoeira munia os marginalizados de armas poderosas na luta contra a opressão, armas que extrapolaram a luta enquanto contestação e confronto e alcançam um processo de criação: a emergência de novos territórios existenciais, por meio da vadiação.

Vadiagem Itapetinguense

Os caminhos de Itapetinga se cruzam com os da Capoeira no final da década de 1970³. Segundo os diversos relatos obtidos durante a pesquisa, esse movimento foi respaldado pelo então prefeito José Vaz Sampaio Espinheira, que entre tantas coisas, quis formar uma geração esportiva na cidade. No entanto, antes de tratarmos das particularidades desta trajetória, faz-se necessária uma análise da construção sócio-política da sociedade em questão.

Itatinga, como era conhecida até 1944, é uma cidade do sudoeste baiano com aproximadamente 76 mil habitantes. O município é um dos mais urbanizados da Bahia, em que 97% da população mora na área urbana e apenas 3% na área rural.

³ Existem alguns relatos sobre a presença de um grupo de capoeira que se encontrava vez por quando, que era liderado por dois irmãos, Jeremias Fernandes e Jurandir Fernandes, que praticavam a capoeira em Salvador e promoviam reuniões de socialização do que experimentavam da vadiagem para amigos aqui em Itapetinga.

economia é movimentada pela pecuária, frigoríficos, indústria de calçados e os serviços, que tem 56,36% de participação na economia⁴. Tem suas origens relacionadas à política de ocupação do interior promovidas no início da república vinculado à política dos coronéis. Desta maneira, o coronelismo se revela um elemento de grande importância na geração da identidade local, mesmo que isso sugira um aspecto negativo da nossa formação. Não é um fenômeno específico de Itapetinga, nem do nordeste, mas do Brasil, amparado na concentração fundiária e instituição do latifúndio, que desde o início da colonização marcaram a estrutura social deste país.

Concentração de renda e poder, extrativismo social, elitismo, patriarcalismo e conservadorismo são elementos sócio-políticos extremamente presentes na sociedade Itapetinguense. Sendo assim, a caminhada da capoeira em Itapetinga não ocorre de forma proposital. Espinheira não estava interessado em fundar um movimento cultural. Na verdade, a finalidade da vinda de Zênio era meramente esportiva, vista como espetáculo⁵, uma vez que seus saltos atraíam multidões. No estádio de esportes foi criada a escola olímpica que seria a sede de tal empreendimento e o protagonista seria um Jovem negro soteropolitano de 19 anos, magro, porém musculoso, de aproximadamente 1,55 de altura, o Mestre Zênio. Até então Itapetinga desconhecia a mandinga Capoeira e a aceitação foi imediata.

Pipoca, como era conhecido em Salvador, era grande acrobata. Possuía uma capacidade formidável de produzir saltos ornamentais, fruto da experiência com a Capoeira. Aprendeu a vadiagem ainda jovem menino, nas rodas, aluno de mestre Suassuna, o cordão de ouro, que dizem ser filho na Capoeira de mestre Bimba. Também foi feito no jogo, na mandinga, nos ares rebeldes das maltas, na resistência de Angola, na proteção do berimbau, no toque visceral do atabaque, nos floreios sedutores para o público acostumado a o aplaudir. Temido por sua ginga eficaz, violenta, carniceira, do bater e cair, era também admirado por sua capacidade de saltar pipocando, de voar, sendo esse o atributo que o trouxe para a localidade.

Em visita a Salvador, Espinheira, em passeio pelo Pelourinho, foi pego pelos grandiosos saltos de um jovem de figura ativa e um tanto desaforada. Saltos que lembravam o dos atletas olímpicos. Seus saltos figuravam no comercial da TV Aratu nos meados da década de 1970. Conversou com o tio de Zênio, professor Santa Rosa⁶, que já estava estabelecido no projeto olímpico da cidade e ficou tudo acertado. Aquele jovem saltador viria morar em Itapetinga, seria empregado público, teria salário e iria ensinar aos jovens Itapetinguenses a voejar. Já em Itapetinga, sua primeira morada foi no Hotel Marabá. Tinha encontros todos os dias com seus alunos, no Centro Olímpico, onde tirava seus saltos e ensinava, de forma pouco ortodoxa⁷, aos que tinham a ousadia de aprender como um homem pode voar. Em toda ocasião pública lá estava ele, professor Zênio e seus saltos fantásticos. Saltava pessoas enfileiradas, saltava, caía, tirava um flipe e tornava saltar como se isso fosse natural. Este salto tornou-se sua marca e toda molecada queria aprender. As acrobacias não ficavam apenas em saltos. Era toda espécie de piruetas, com obstáculos, com fogo, com pregos, com vidro e tudo muito natural para ele executar. Era um verdadeiro fenômeno o que aquele ser era capaz de fazer. Muitos diziam que era poder mental.

⁴ Dados colhidos na Prefeitura Municipal de Itapetinga-BA.

⁵ Todas as apresentações de Zênio eram sempre acompanhadas de muitas pessoas. Todos queriam ver os saltos e firulas daquele pequeno homem.

⁶ Professor de Educação Física no Colégio Agro-industrial de Itapetinga-BA.

⁷ Zênio não tinha nenhuma preocupação em assegurar que o aluno não sofresse lesões. Mostrava como era o salto e mandava fazer.

A capoeiragem de Zênio era Regional, esportiva e dura. Também era leve, alegre, lúdica, o que atraía a moçada a experimentar de sua vadiação, mas nunca deixou a reverência à mãe Angola, sendo as suas ladainhas⁸famosas até os dias de hoje. Seu primeiro local de ensino de Capoeira foi o Colégio Agro-Industrial de Itapetinga, tendo como incentivador o velho artista e amigo da cidade São Felix⁹. Seus primeiros alunos foram: Edson Barbosa, o macaquinha, Tolezão, Carlos Cezar e Neca¹⁰. Os primeiros de muitos. Mas nem todos tinham a coragem de aprender, porque como professor de Capoeira, ele tinha preocupação em ensinar toda malícia do bater, e bater para cair, do cair ficando e do cair sorrindo. Não obstante, a disciplina era rígida e não era permitido sair batendo por aí, mas se brigasse tinha que ser para ganhar e o que acontecia na roda, ficava na roda. Seu aquecimento era de matar, com corridas intermináveis, murros e chutes no abdômen para garantir a resistência, flexões de punho cerrado para fortalecer os socos e as mãos. Sua ginga era no sistema de fogo. Nas rodas que participava, só entrava quem sabia trocar¹¹. Tinha que ser trocador ou então era chão.

Essa foi a primeira Vadiação de Itapetinga, a Capoeira de Zênio. Bonita, dura, bruta e talvez por isso não tenha feito escola. Não existem, na cidade, alunos que deram continuidade a seus ensinamentos. Como dito por ele, “*não existe um grupo de Capoeira cujo mestre tenha sido formado por mim*”¹².

Sobre essa primeira experiência é importante pontuar algumas questões. Os praticantes desta Capoeira trazida por Zênio não cultuavam a ancestralidade e a tradição da arte. Era luta, briga, esporte, acrobacia, defesa pessoal, uma expressão folclórica, talvez por isso não tenha sofrido, inicialmente, tanta repressão tendo lugar na sociedade. Sua prática não representava, nos primeiros momentos, ameaça aos valores e virtudes Itapetinguenses. Todavia, com o passar do tempo, suas várias histórias violentas produziram marcas que vão estereotipar a Capoeira na cidade como produção negativa. Fato atestado na fala de mestre Valério Nascimento em uma das entrevistas: “*No meu começo, na década de 1990, a capoeira era considerada coisa de vagabundo*”¹³. Esse fato se deu por conta do constante envolvimento com álcool, drogas, brigas e mortes que envolviam os alunos de Zênio pela cidade e região. Pipoca tornou-se figura conhecida da polícia local e fez fama nas cadeias. Não era preciso muito além do que ameaçar colocar um preso junto dele na cela para ele falar e falar sobre tudo. Um dos seus casos mais narrados é ter destelhado sua cela com chutes e saltos mortais. Essa fama negativa fez com que a capoeiragem Itapetinguense caísse na marginalidade, tendo sua prática associada à malandragem, coisa de quem não tinha o que fazer. Assim sendo, afastaram-se os apoios

⁸ Cântico que é entoado na Roda de Capoeira, tradicionalmente na capoeira Angola, que, segundo a tradição, deve ser cantada por um Mestre - o mais velho e/ou mais considerado -, ou, com a autorização do Mestre da Roda, por um dos Capoeiristas que vão "fazer um jogo", ao "pé do Berimbau". As Ladainhas trazem em seu bojo a história da Capoeira e de seus grandes personagens, concepções de mundo, orientações a algum aprendiz etc. Segundo os "Velhos Mestres" da Bahia, enquanto a Ladainha está sendo cantada, não se realiza nenhum "jogo físico", é necessário aproveitar o momento para dedicar-se à concentração máxima, tendo em vista o correto entendimento da(s) mensagem(ns) que nela está(estão) contida(s).

⁹ Artista muito considerado no meio artístico que possui obras espalhadas por toda cidade de Itapetinga-BA, daí sua importância para identidade local.

¹⁰ Estes são os apelidos usados por eles na roda.

¹¹ Trocar no mundo da Capoeira significa lutar bem, eficácia e vigor.

¹² Frase dita em encontro promovido pelo Grupo Voo da Liberdade, no Colégio Madre Savina Petrilli, em outubro de 2015.

¹³ Entrevista concedida por Valério Nascimento em novembro de 2015.

institucionais e privados. Dito isto, fica fácil imaginar o desafio que estava por vir para a segunda geração da Capoeira na cidade.

A segunda geração: Capoeira ancestral e Capoeira esporte

No início da década de 1990, dois grupos reacendem o canto do berimbau, o toque do atabaque, o jogo da Capoeira na cidade. Inicialmente representada pelo grupo *Viva Conquista*, com sede em Vitória da Conquista, sob a tutela do Professor Borracha e, logo após, pelo grupo *Cativeiro Capoeira*, com sede em Itabuna, representado pelo professor Valério Nascimento. Essas duas delegações, posteriormente, vão ganhar formas, adequações, direcionamentos sociais, contornos locais impostos pelas políticas de punição (FOUCAULT, 1987) e no uso das suas mandingas se reinventam e se tornam respectivamente os grupos *Voo da Liberdade* e *Raízes Quilombo*, a segunda geração da vadiação Itapetinguense.

O Voo da Liberdade: luta regional, luta social

Em 1991, Anderson Cunha Sodré, o Borracha, lidera um grupo de Capoeira em que participavam pessoas interessadas por esta arte. Com intuito de ampliar o alcance de seus ensinamentos, filiou-se a Associação de Capoeira Viva Conquista, que tem sua sede em Vitória da Conquista-BA, coordenada pelo mestre Antônio Santos Ferreira Filho, mestre Acordeon. Passados alguns anos, repletos de histórias de união e resistência, resolve fundar seu próprio grupo, ser independente, onde as regras, condutas e normas fossem elaboradas pelos próprios componentes. Em 09 de abril de 2000 foi fundada a Associação Filantrópica de Capoeira *Voo da Liberdade*. À época em que realizamos a pesquisa, o *Voo da Liberdade* estava presente em 12 cidades: Itapetinga-BA, Itambé-BA, Itarantim-BA, Maiquinique-BA, Macarani-BA, Firmino Alves-BA, Santa Cruz da Vitória-BA, Itajú do Colônia-BA, Floresta Azul-BA, Rio do Meio-BA, Nova Serrana-MG e São Paulo-SP. A Capoeira praticada pelo Voo da Liberdade é a Regional.

O aspecto bélico presente na Capoeira Regional, delineado por mestre Bimba, está impregnada na práxis do *Voo da Liberdade*. Na vivência com o grupo, tornou-se evidente, a cada encontro, que os praticantes estavam ali por conta do aspecto beligerante, terapêutico, competitivo, expansionista, esportivo, lúdico. Apesar da pouca informação sobre os fundamentos da mandingagem, a capoeiragem construída pelo grupo é muito representativa, tendo atores sociais de todas as classes, credos religiosos, movimentos de minorias. A inclusão social é uma filosofia de trabalho. Uma roda de acolhimento comprometida com a causa das minorias, dos menos favorecidos e dos que se sentem excluídos. Esse fato fica evidente na fala de uma aluna do grupo:

Cada um de nós carrega em si uma dificuldade, um limite que se manifesta no encontro com o outro. Nesse processo de negociação, é preciso enxergar os pontos de vista pessoais, alheios e coletivos, encontrando respostas equilibradas, que promovam unidade, cooperação e camaradagem. Cada situação do dia a dia oferece-nos oportunidades de trabalhar em prol da

inclusão. Na família, na escola, no bairro, no trabalho... é preciso gingar sempre no jogo da inclusão social¹⁴.

Uma capoeira que se propõe ser inclusiva e cuidadosa em seus métodos e em suas bases pedagógicas. Ocupada em promover a reflexão e o exercício diário dos valores. Vadição com base na afetividade e no estabelecimento de vínculos saudáveis e construtivos que contribuam para a formação da identidade dos seus participantes. Um dos professores graduados do grupo em uma de suas falas ilustra os pressupostos acima mencionados:

[...] eu fiquei sabendo que o aluno não vinha mais porque a mãe estava achando que a capoeira era coisa de macumba. Eu fui até a casa de e conversei com a mãe. Disse que no grupo não falamos de religião. Pode ser que alguém seja do candomblé mais no grupo não falamos disso e capoeira não tem nada haver com isso. Então ele voltou a praticar conosco¹⁵.

A verdade produzida no axé¹⁶ do grupo, cumprimentos especiais, linguajar específico, estilo marcado na ginga, na mandinga e toque, sempre ocupando espaços, os torna diferenciados dos demais capoeiras de outros grupos de Itapetinga. Esse fato, pela lente de Michel Certeau (1994), será visto como apropriação do cotidiano, para escapar do processo de engessamento e exclusão promovidos pela ação social elitista, muito presente na realidade trabalhada. Escapadas que podem ser descritas como uma resistência com base na força do grupo. Sentem que quanto maior, mais componentes, mais eventos, maior visibilidade, maior será o lugar do grupo na sociedade e conseqüentemente de seus membros. Percebem-se importantes em participar de um grupo de tamanha expressividade no cenário estadual e isso os motiva a conquistar outros espaços.

Raízes Quilombo: Capoeira Tradição

A Associação Desportiva e Cultural *Raízes Quilombo* foi criada no ano de 2000 por Valério Nascimento, o mestre Valério. O grupo tem suas bases em dois outros grupos, Associação de Capoeira Viva Conquista, de Vitória da Conquista-BA e Grupo Cativoiro Capoeira, de Itabuna-BA. A capoeira praticada pelo grupo pode ser classificada como Capoeira tradição, uma vez que sua práxis envolve fortes elementos da Capoeira de Angola¹⁷, pois trabalha as referências históricas africanas e suas

¹⁴ Entrevista concedida por Ariana Santos Oliveira, em fevereiro de 2016.

¹⁵ Entrevista concedida por Reginaldo Quadros de Oliveira, professor graduado do grupo Voo da liberdade, em fevereiro de 2016.

¹⁶ Axé aqui se refere a todo conjunto mágico presente nos laços vivenciados pelos membros dos grupos de Capoeira. Quando presente nos eventos e encontros de treino, percebi que os membros do Voo tinham um interesse especial em se proteger. A sensação de que um segredo estava guardado era muito forte. Foi muito difícil me aproximar e conquistar a confiança de forma que ficassem a vontade para expor suas ideias e saberes. Era uma roda, um jogo que aprendi a jogar.

¹⁷ Capoeira Angola é uma arte que integra corpo, mente e espírito. A sua prática é realizada em grupo e, nesse sentido, em uma roda de Capoeira Angola, vinculam-se um conjunto de expressões que incluem luta, dança, ancestralidade, música, teatro, filosofia, espiritualidade, brincadeira e jogo. Preserva uma série de valores tradicionais africanos, que orientam o comportamento das pessoas participantes, tanto individuais como coletivamente, fortalecendo e reelaborando identidade dos que a praticam. Sobre isso dizia Mestre Pastinha: "Pratico a verdadeira Capoeira Angola e aqui os homens aprendem a ser leais e justos. A lei de Angola que herdei de meus avós é a lei da lealdade. A Capoeira Angola, a que aprendi, não deixei mudar aqui na Academia, os meus discípulos zelam por mim. Os olhos deles agora são os meus" (apud REGO, 1968, p. 64).

manifestações ritualísticas; como também a Regional, na medida em que é considerada luta e esporte.

Apesar de ser uma escola de Capoeira Regional, o grupo Raízes Quilombo possui toda sua prática pedagógica voltada ao espírito angoleiro. O grupo possui atores sociais advindos de grupos socialmente excluídos, e é constituído, em sua grande maioria, de pessoas negras, alguns adeptos ao Candomblé, outros Espíritas, Católicos, poucos Evangélicos, com orientação sexual heteroafetiva, homoafetiva, enfim, uma diversidade de sujeitos com diferentes orientações e posições no mundo. Contudo, as relações são pautadas por carinhos e cuidados mútuos. Essa característica do grupo pode ser bem sentida na fala de uma aluna, adepta do Candomblé, quando assim definiu o grupo:

Aqui é meu lugar de paz, de também encontrar com Deus. Eu sofri muita perseguição por fazer capoeira. Mas eu não posso deixar o grupo porque eles são minha família. São eles que me apoiaram quando eu mais precisava. A gente briga também, mas sempre tudo fica bem. Não vejo minha vida sem a capoeira¹⁸.

O público-alvo do Raízes Quilombo é formado por pessoas vindas das comunidades da cidade de Itapetinga com baixo poder aquisitivo e, nesse sentido, o grupo trabalha para lhes proporcionar outra perspectiva de vida, mostrando-lhes outras possibilidades de superação dessa condição de pobreza, principalmente através da educação. Há, portanto, uma preocupação, por parte do grupo, em despertar neste público o interesse pelos estudos. No decorrer da pesquisa, foi possível perceber a existência de uma gama de aspectos culturais e sociais presentes em suas ações, inclusive uma ritualística própria¹⁹, que nos permitiu captar uma série de elementos que afirmam o compromisso de promover o “resgate e valorização da cultura negra” e a inclusão social através das atividades realizadas.

Os filhos mais novos: Tempo de Libertação, Lembrança Viva de Zumbi e Axé e Mandinga

O discurso que fora produzido sobre a Capoeira em Itapetinga, durante a primeira geração, constituía representações de valor negativo, posto que estava associada a coisa de vagabundo, marginal e valentão. Soma-se a isso elementos do racismo e da discriminação racial que agravam e fortalecem a existência deste *stigma* (GOFFMAN, 1975).

Na Capoeira, a mudança e a permanência são amigas na roda da vida. Estão irmanadas no eterno processo de criação e recriação e, hoje, a capoeiragem, em Itapetinga-BA, existe num contexto que não é mais o da primeira, nem da segunda geração. A dinâmica da sociedade e o movimento capoeirístico local possibilitou um novo devir aos grupos e o que antes era considerado violência, luta, hoje, é também trabalho provedor de capital financeiro e social. O fato é que o preconceito existe e é muito presente, até mesmo entre os integrantes destes grupos, contudo, a

¹⁸ Entrevista concedida por Milena Lopes dos Santos, em novembro de 2015.

¹⁹ O grupo possui ritual e metodologia que foram criados dentro das vivências experimentadas pelo grupo, como por exemplo: o formato dos encontros, o batismo na capoeira, a passagem de cordão, a graduação para professor.

capoeiragem permite alguns trânsitos sociais. Um jogo, uma troca, uma ginga fora da roda.

A terceira geração da Capoeira em Itapetinga tem seus líderes ligados ao grupo *Voo da Liberdade e Raízes Quilombo*. Neto, Tempo e Brucutu²⁰ são os frutos do empoderamento provocado pela segunda geração que hoje ampliam o plano de ação da vadiagem local. A condição de liderança é muito valorizado no universo da Capoeira. Algo importante de ser e de ter. Significa respeito e respeito é o tesouro de todo capoeira. É assim que se apresenta a busca pela liderança de um grupo; é um lugar que muitos almejam e até lutam por isso, no entanto, está longe de ser uma tarefa fácil como indica a fala do Professor graduado Luís Neto, líder do grupo Tempo de Libertação:

Eu tenho esse grupo como sendo minha família. Vamos dizer assim: Aqui eu sou o pai, eles olham para mim como se eu fosse um espelho e me seguem. Por isso eu procuro ser o melhor que eu puder. É muito bom ter meu grupo porque aqui eu ensino a agir corretamente e quem sabe Deus estou salvando a vida de um menino desses. Mas não é fácil não... porque a gente não tem apoio... Fica sozinho. Tudo que a gente faz é coisas nossa mesmo. A gente se vira e consegue²¹.

Estes novos grupos apresentam algo em comum: pouco tempo de existência; estilo Regional muito forte, ou seja, a prática da capoeira pensada como luta e esporte; ação social com práticas voltadas à inclusão de indivíduos que encontram na vadiagem a possibilidade de tornar-se mais humano; estilo empreendedor, na medida em que se busca capital financeiro, ou seja possibilidade de viver da capoeira; necessidade de afirmação de uma identidade cultural própria, um jeito de ser capoeira.

O Grupo de Capoeira *Tempo de Libertação*, liderado por Luís José da Silva Neto, o Luís Neto Capoeira, foi fundado no ano de 2013. Em suas rodas, a capoeira praticada é a Regional, entretanto, o jogo de Angola também é trabalhado, não como fundamento, mas como esporte. Grande parte do grupo se conhece há muitos anos, mesmo antes de ser um grupo independente. Os treinos acontecem em dois locais. Os mais antigos treinam, durante a semana, separados dos mais novos e todos se reúnem, uma vez na semana, para confraternizar e trocar experiências. É um grupo “família” com todos os atributos que o familiar traz consigo. Tem o pai, a mãe, os filhos mais velhos, os mais novos e todos seguem as orientações dos mais antigos, seguindo uma cronologia de tempo na Capoeira do grupo. Trato, carinho e respeito são traços marcantes desta práxis, com uma inclinação para a evangelização cristã. Todos têm comunhão na reverência, no trato, na disciplina, nos discursos e no jogo. Comunhão, também, em perceberem a Capoeira como uma alternativa financeira, como fica evidente na fala de um aluno graduado do grupo:

Antes da Capoeira eu não tinha sonho nenhum. Eu quase não falava. Quando eu vim pra cá eu me encontrei e meu sonho é crescer aqui dentro, me tornar mestre, ter meu grupo e quem sabe viver da Capoeira. Muitas pessoas vivem bem dando aula de capoeira²².

Um projeto de vida que encontra no grupo os fundamentos para existir. Como dito por um instrutor do grupo: “Capoeira não é um jogo que se joga sozinho. Eu me

²⁰ Líderes dos grupos de Capoeira da Terceira geração.

²¹ Entrevista concedida por Luiz José da Silva Neto, em dezembro de 2015.

²² Entrevista concedida por Marcos Pereira Santos, em dezembro de 2015.

movimento no movimento do outro e o outro no meu. Quanto melhor o outro for, quanto melhor for o jogo do outro, meu esforço também vai ser melhor e isso me aumenta”²³.

O grupo nasceu da necessidade do líder, Neto capoeira, de iniciar sua jornada ancestral. Policial há alguns anos, Neto passou por muitas experiências que gostaria de transmitir aos seus discípulos e a melhor maneira era ter sua própria comunidade. Assim teria liberdade para aplicar a pedagogia que achasse mais produtiva na construção de alunos que estivessem preparados para enfrentar a roda da vida. “Como polícia, eu vi e sei como o menino entra no mundo das drogas, na violência. Eu tento passar pra eles o caminho certo e se Deus, acima de tudo, permitir, eu vou fazer isso minha vida toda. Eu fico feliz em fazer isso”²⁴.

É uma grande família que vive, luta e resiste uns pelos outros. Patriarcal, um tanto conservadora, com traços disciplinares muito fortes, mas, como dizem, muito “felizes juntos”. Inventaram outro mundo no cotidiano de suas rodas. Lá tem paz, uma ginga amiga, sorridente que faz querer voltar.

Os grupos *Lembrança Viva de Zumbi* e *Axé e Mandinga* possuem histórias de nascimento muito semelhantes. São iniciativas de afirmação de identidades, são grupos em construção.

Quando eu era do meu grupo anterior, eu queria fazer coisas, colocar coisas para os alunos que o mestre não estava de acordo, então, eu decidi criar meu grupo. Minha identidade na capoeira [...]. Na verdade, não tem um grupo de pessoas porque eu vivo a semana no trabalho, sabe, mas tem final de semana que fico o dia todo só treinando²⁵.

Nesta fala do Contra Mestre²⁶ Tempo, Robson da Silva Nascimento, do grupo *Lembrança Viva de Zumbi*, fica evidente o movimento de construção do novo grupo a partir do desejo em praticar algo diferente e é nesse sentido que a capoeiragem se atualiza, ganha novos contornos.

O grupo *Lembrança Viva de Zumbi* foi fundado no ano de 2009 e é liderado pelo Contra Mestre Tempo. Sua origem está ligada ao grupo Raízes Quilombo e o estilo praticado é o Regional. Tempo utiliza sua ginga de duas maneiras: como elemento terapêutico, praticando-a com os educandos da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Itapetinga; como prática esportiva, nos momentos de folga em sua residência, tendo como público alvo as crianças e jovens das Vilas²⁷. Na APAE, seu público é crianças, adolescente e adultos com algum tipo de necessidade especial que, segundo Tempo, não é utilizada para “[...] formar um lutador e sim para movimentar seus corpos, agitar suas mentes, produzir uma melhora na autoestima, criar uma identidade vencedora”. “Eu tiro por mim, quando eu era menino eu não falava nada de tanta vergonha que tinha. A capoeira me deu uma voz bem alta. Eu pensei: se foi assim comigo como seria com eles”²⁸.

É uma Capoeira adaptada e inclusiva que agora está ajudando crianças, jovens e adultos a vencerem seus obstáculos, a se sentirem incluídos na sociedade e a serem vencedores, ajudando-os a superarem seus limites de modo a terem uma vida melhor.

²³ Entrevista concedida por Wagner Carvalho Evangelista, em dezembro de 2015.

²⁴ Entrevista concedida por Luiz José da Silva Neto, em dezembro de 2015.

²⁵ Entrevista concedida por Robson da Silva Nascimento, em janeiro de 2016.

²⁶ Contra mestre é uma graduação abaixo de mestre na Capoeira.

²⁷ Vila Riachão, Vila Isabel, Vila Rosa, bairros periféricos da cidade de Itapetinga-BA.

²⁸ Entrevista concedida por Robson da Silva Nascimento, em janeiro de 2016.

O grupo *Axé e Mandinga* foi fundado no ano de 2013, pelo contra mestre Léo Brucutu, Leandro Souza Melo, e tem suas motivações muito semelhantes ao *Memória Viva de Zumbi*, ou seja, “afirmar seu estilo, ter um grupo, transmitir seus conhecimentos e ter respeito e consideração”. A Capoeira de Brucutu tem a finalidade de educar o físico e o mental. Em sua dinâmica, Brucutu concilia a prática do exercício da capoeira com princípios de boxe, jiu-jitsu, moay thai. Para ele, a capoeira é a base que “serve para transmitir boas influências”, que também estão presentes em outras artes marciais.

Considerações finais

Neste passeio etnográfico percebemos que mesmo diante das ações e influências das formas hegemônicas de poder, presentes em Itapetinga, praticam-se na sua capoeiragem novas escapadas, em um processo de transformações e invenção contínuas, tal como a ginga na roda. A ginga é o movimento base na Capoeira que, ao absorver a forma do andar, transforma-a em dança capaz de comportar elementos necessários para estar dançando, lutando e jogando. Um movimento de absoluta flexibilidade, que potencializa inversões, mudanças de direção, defesas, ataques, escapadas. Ao desenvolver diferentes formas de resistência no contexto Itapetinguense, diante das diferentes formas de configuração de poder, a Capoeira parece gingar nas tramas sociais e históricas.

Quando as tecnologias disciplinares passaram a compor novas formas de exercício de poder, a vadiação, a alegria de experimentar o corpo com liberdade de movimento, em conexão com o ritmo, com o rito, com outros corpos, ativa-se com maior força e projeta-se para além daquela época, daquela geração. É esse o dever que recheia toda expressão de resistência produzida pela capoeira em Itapetinga. Essa malemolência empoderadora, construtora de identidades, mas também de novas relações de parentesco, de famílias estendidas, de novas moralidades tão poderosas dentre os não escutados, não assistidos, não enquadrados, excluídos, que têm em comum a rebeldia, a ousadia de ser e existir de forma diferente do que é ordenado. Possuem todos a inquietude, o espírito sonhador e um incansável amor pela luta que desperta respeito e admiração dos que se permitem a encantadora experiência deste orbe.

Referências

ABIB, Pedro Rodolfo Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. 175f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

AMADO, João; FERREIRA, Sónia. A entrevista na investigação em educação. In: AMADO, João (Org.). **Manual de investigação qualitativa em educação**. 3ª ed. Coimbra, Portugal: Universidade de Coimbra, 2017.

ARAÚJO, Rosângela. C. **Iê, viva meu mestre: a capoeira angola da “escola pastiniana” como práxis educativa**. 251f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2004.

Vadiação em Pedra Branca: os caminhos da Capoeira como expressão de resistência no município de Itapetinga/BA

ARAÚJO, Benedito C. L. C. **A Capoeira na sociedade do capital**: a docência como mercadoria-chave na transformação da capoeira no século XX. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira**: fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira**: pequeno manual do jogador. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRUZ, José Luiz Oliveira (Mestre Bola Sete). **Histórias e estórias da capoeiragem**. Salvador: P555 Edições, 2006.

DECÂNIO FILHO, Ângelo. **A herança de mestre Bimba**. Salvador: São Salomão, 1996.

DIAS, Adriana A. **Mandinga, manha e malícia**: uma história sobre as capoeiras na capital da Bahia (1910-1925). Salvador: EDUFBA, 2006.

ESTEVES, Acúrsio. **A “capoeira” da indústria do entretenimento**: corpo, acrobacia e espetáculo para “turista ver”. Salvador: A. P. Esteves, 2003.

FALCÃO, José L. C. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 393f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2004.

FONSECA, Carolina F. da. **Forte da Capoeira**: esquivas entre resistência e espetáculo em Salvador. 184f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, 2009.

FONSECA, Vivian L. Capoeira sou eu: memória, identidade, tradição e conflito. 255f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRIGERIO, Alejandro. Capoeira: de arte negra a esporte branco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, jun., 1989. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/capoeira-arte-negra-esporte-branco/>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Jogo de discursos**: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana. Salvador: EDUFBA, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Tradução de Anton P. Carr e Ligia Cardieri. São Paulo: Ubu, 2018.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero**: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

REGO, Valdeloir. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Unicamp, 2001.

Submetido em: 01/09/2019.

Aprovado em: 10/09/2019.